

## **“Entrevista com um homem de teatro”**

Precisamos deixar falar os que têm vasta experiência de trabalhar palavra, gesto, ação, tempo, espaço e movimento para se comunicar com alguém. **Paulo Autran** se prestou ao diálogo sobre Liturgia e comunicação, com uma delicadeza, uma disponibilidade e um entusiasmo que se tornaram uma verdadeira “pequena celebração da palavra, da amizade e do gesto”.

Por que esta entrevista?

Porque a liturgia tem muito a ver - e muito que aprender! – com o teatro. O ator de teatro tem muito a dizer para os agentes da liturgia, e o “ator litúrgico” precisa viver intensamente a arte e a comunicação do ator de teatro. “Porque no teatro, a platéia tem de perceber o que está passando dentro da sua cabeça. Isso tem de estar expresso no seu rosto, na sua voz” (P. Autran). E não é também por esse processo que acontece a comunicação na liturgia? O fundamento do teatro é sempre o mesmo: uma idéia ou uma emoção comunicada a alguém por intermédio desse alguém. O essencial de teatro é texto, ator e público. Não é também esta a composição “química” de uma ação celebrativa, dentro de suas diferenças próprias?

Porque precisamos deixar falar os que têm vasta experiência de trabalhar palavra, gesto, ação, tempo, espaço e movimento para se comunicar com alguém. Porque um verdadeiro ator é também um autêntico liturgo, assim como os primeiros liturgos foram os primeiros personagens do teatro ocidental.

Talvez nenhum nome tenha sido maior e melhor do que ele na arte cênica em nossa história teatral. Completou cinqüenta anos de vida nos palcos de teatro, nas câmaras de tevê, nas telas de cinema. Um carioca por nascimento, e um paulista por adoção. Paulo Autran tem uma história que, como poucos, faz parte da cultura brasileira. Nunca evitou os grandes desafios da dramaturgia ocidental clássica e contemporânea, nem teve preconceitos com nenhum tipo de gênero. Ele se prestou ao diálogo sobre Liturgia e comunicação, com uma delicadeza, uma disponibilidade e um entusiasmo que se tornaram uma verdadeira pequena celebração da palavra, da amizade e do gesto.

Paulo, você pode falar sobre sua experiência de ter vivido alguma celebração?

Sou o avesso de um religioso. Sou um agnóstico, não tenho religião de espécie alguma, há muitos e muitos anos e acho que desde sempre. Fiz Primeira Comunhão, no Colégio Arquidiocesano dos Irmãos Maristas. Mas, me lembro que, ao receber a eucaristia, eu pensava assim: agora eu tenho que fazer a cara de quem recebeu Deus dentro de si, mas não sentia tê-lo recebido dentro de mim, de maneira alguma. Porém precisava convencer aos outros de que tinha recebido Deus dentro de mim. Então, acho que desde a minha primeira comunhão, eu era agnóstico.

E sua Família?

Meu pai era muito religioso, mas um religioso assim...geral! Ele aceitava todas as religiões, era espiritualista, um homem que achava que o corpo era muito menos importante do que a alma. Era uma pessoa muito interessante, e embora fosse delegado de polícia, era o oposto disso. Os colegas dele achavam-no um bobo, pois soltava os presos, quando via que a mãe de um deles chorava muito.

Alguma vez um padre o procurou para ensinar como tratar um texto litúrgico?

Há pouco tempo em Parati, o pároco de lá me pediu para ir até a Igreja. Eu o conhecia de vista e ele sabia que eu era ator. Pediu-me para ler uns textos das celebrações litúrgicas.

Ele me disse: sabe, Paulo, elas lêem tão mal... Por ser estrangeiro, com sotaque, ele não gosta de ler, pois sente que o pessoal não presta atenção quando lê. Reuniu estas pessoas para que ouvissem a leitura daqueles textos. Eu retruquei: não tenho a menor experiência disso, mas vamos ver... Então eu li. Quando terminei, alguns estavam até chorando... e ficaram impressionadíssimos: "Mas que coisa bonita!" Eu disse, então: pois é, porque é preciso... se são textos de uma elevação tão grande, é necessário que a gente tenha uma certa concentração quando os lê e, principalmente, saber que as pessoas estão ouvindo aquilo. E elas precisam entender o que a gente está lendo. Tempos depois, passei na igreja na hora da cerimônia e estava lá uma senhora lendo: 'papapi... papapá... papapi...' uma horrível cantilena, sem a menor unção, sem nada...

Qual é o caminho, para uma comunicação eficaz nas celebrações?

Acho que as cerimônias religiosas devem se propor a ser momentos de elevação espiritual. Então se quem vai ler, como se aquilo fosse como uma letra de samba ou comunicação de uma fábrica, não pode absolutamente passar para quem ouve e para os fiéis que estão na igreja, a profundidade do que está escrito num texto sagrado, não é? E isto foi uma lição para mim, embora muito difícil. Você pergunta "que caminhos?" Padre Marcelo? Não sei... e aí então já misturar música popular com religião para levar as pessoas à religião, não pelo que a religião tem de mais elevado, mas sim pelo que ela possa ter de popularesco... Não sei se é este o caminho. Acho que os muito religiosos dizem que qualquer caminho leva a Deus e não interessam os meios que são usados.

Você tem alguma experiência de participar da missa?

Eu tenho ido a missas de 7º dia e nunca ouvi uma prédica que eu não achasse superaborrecida, pois parece que o padre não sabe que está se dirigindo a pessoas que pelo menos são alfabetizadas, ou então deixa transparecer no seu discurso que fala, exclusivamente, para analfabetos, usando termos bobos e fazendo uma prédica nem sei para quem... Não sei se algum analfabeto também se interessaria por aquilo. Dá a impressão de que fala para ninguém.

Isso seria pelo conteúdo ou pelo jeito?

Por ambos. O conteúdo, às vezes, é a doutrina da Igreja que eles estão expondo ali, mas o fazem de uma maneira tão prosaica, tão exageradamente popularesca que ela perde o sentido, não é?

Existe distância, entre teoria e prática nas celebrações?

Eu acho muito bonita a teoria da Igreja; mas dita por eles, fica uma coisa banal, fica até ridículo! É preciso sim, unção. Eu me lembro: fiz vários retiros quando estava fazendo o ginásio, depois da Primeira Comunhão. Mantinha algumas coisas religiosas porque era obrigado, como comparecer nos retiros, ficando lá três dias. Eu não fazia retiro nenhum, mas acompanhava tudo... E me recordo que de vez em quando iam uns pregadores que falavam tão bem! Havia um que falava "sursum corda!" (corações ao alto): Quando ele dizia: "sursum corda", tinha um entusiasmo: corações ao alto, meus filhos. Meus filhos, corações ao alto! Era uma coisa tão bonita, tão alegre, era entusiasmante... Havia outros, entretanto, que era somente: parari parará, parari... e aí não havia interesse nenhum... E talvez até em ouvir um

parari, parará... estivessem coisas mais sérias que apenas 'corações ao alto'. Mas acho que 'corações ao alto' já é uma coisa tão séria, tão bonita, não é?

Que estaria falando?

Que dizer? O entusiasmo dele, a unção, dava a impressão de que ele acreditava absolutamente naquilo que estava dizendo. Então ele transmitia um calor..., era uma coisa muito bonita. Vendo estes programas dessas igrejas ridículas, que só querem tirar dinheiro do Zé povinho, entendo muito bem por que o povinho vai a elas. Porque eles, seus pastores, hipócrita e cinicamente, falam com tal entusiasmo que transmitem seja o que for aquela platéia, não é? Eles transmitem o que querem, e o que eles quiserem, conseguem transmitir. E tenho a impressão de que qualquer pessoa, no momento em que chegue á esquina da rua e comece a falar inflamado, com entusiasmo, numa fração de segundos terá muita gente ouvindo seja o que for que ele esteja dizendo.

E os padres?

Se um padre chega numa igreja e começa a falar papari, papará... não interessa a ninguém o que ele está dizendo. Isso é muito triste.

Há uma relação entre teatro e celebração litúrgica?

Há muita e muita... Acho parecido, não a intenção, mas sim o efeito. Um bom ator, uma boa atriz, empolga a platéia; ao contrário, um mau ator, afasta. Quer dizer, não se pode exigir também que todos os padres sejam bons atores, é totalmente impossível, pois às vezes existe uma grande vocação em uma pessoa que não tem a menor comunicação. Agora, quem vai julgar se um padre pode fazer ou não uma prédica? Eu acho impossível o julgamento. Agora, se todos têm em mente que é preciso transmitir à platéia não apenas uma doutrina fria, mas um calor humano, uma elevação de espírito, uma crença, e uma crença que a gente sinta, pelo menos, naquele homem, que a crença é verdadeira, ela é fé, não é?

Você acabou de usar a palavra "fé"...

A palavra "fé" pode ser linda e isso a gente não vê mais na Igreja. Pelo menos nas missas em que eu tenho ido ou em que tenho sido obrigado a ir, as de 7º dia... Em geral, as prédicas são ridículas.

A fé pode iluminar uma pessoa. A fé é indispensável para a elevação do ser humano. E se a pessoa diz isso com convicção, ela passa isso. Se a pessoa fala assim: 'a fé é indispensável..., a fé tem que ser assim..., a fé pode elevar o ser humano...', ela não atinge ninguém, Se não possui o calor que vem de dentro, se não tem o olho marejado de emoção por estar dizendo uma coisa que deve ser para ela uma verdade absoluta (que para mim não é, mas para o padre deve ser), e não passa isso com convicção, com entusiasmo, não vai atingir ninguém.

Isto supõe o quê?

Eu acho que é um dom, mas eu acho também que quem se esforça, quem pensa nisso de repente caba também conseguindo... É muito ridículo a pessoa que tem a falsa

unção, que pensa que isto seria apenas uma questão de oratória... Ou então, falar um belo discurso, uma eloquência antiga. Eloquência não convence mais ninguém. Está inteiramente fora de moda. Não estou falando da eloquência, nem da oratória. Estou falando do entusiasmo interior, de transmitir uma convicção absoluta, que o padre deve ter das coisas que está dizendo. Se ele consegue transmitir o seu entusiasmo, o seu amor por aquelas idéias, está no bom caminho. E pode até tocar pessoas que não crêem no que ele diz!

Qual a sua aprendizagem de uma peça de teatro?

Você primeiro estuda muito, lê inúmeras vezes a peça que vai levar, Depois passa a prestar a atenção no seu personagem, no personagem que você vai fazer. Principalmente no teatro: o que é que o personagem sente, o que ele pensa enquanto diz aquelas palavras. Porque você sabe que com uma frase com 'vamos tomar um café!', você pode fazer uma declaração de amor ou de ódio. Então, se o padre diz a fé pode iluminar uma pessoa. A fé é indispensável para a elevação do ser humano. E isto diz com convicção, ele passa isso.

E o gesto?

Eu acho que ele também tem que vir de dentro. Se ele pensa: 'eu vou fazer um gesto com a mão, vou fazer assim ou daquele jeito', o gesto não fica espontâneo. E não pode ser assim. O gesto deve vir de dentro e naturalmente. Quando é premeditado, ele é falso.

E o silêncio, tem vez?

Mas é claro. A pausa, nome do silêncio no teatro, é indispensável. Então onde fazer a pausa? Você fazendo a pausa valoriza o que acabou de dizer e o que vai dizer em seguida. Mas a pausa longa demais vai fazendo tudo ficar monótono e você assim, desliga a platéia, porque o uso excessivo dela prejudica. A dosagem da pausa é uma coisa muito pessoal. Tanto o ator como o padre devem saber que eles são donos das palavras e que podem fazer com elas o que eles quiserem. Então, às vezes você faz uma pausa absolutamente ilógica, que corta um pensamento, mas, outras, possibilita aflorar um pensamento. O uso da pausa é indispensável.

Você se lembra de algum bispo ou padre que tenha esta "garra" na comunicação?

Infelizmente não me recordo. Também não me lembro de nenhum bispo ou padre falando na televisão. Sim, vi um que é um homem inteligente, e que era o oposto de tudo o que andei dizendo... Dom Helder: ele tinha entusiasmo. Muito intenso... Uma vez fui fazer o espetáculo "Liberdade, liberdade" em Recife. E dediquei-o a ele, com a polícia dentro do teatro, querendo impedir sua realização. Isso, lá pelos anos 60, em pleno golpe militar... Ele ficou muito satisfeito, veio conversar comigo depois. Eu gostava muito dele. E ele falava muito bem. Quer dizer, quando ele falava você sentia que estava convencido daquilo que estava dizendo. Talvez ele até estivesse representando, mas a impressão que ele dava é de um total convencimento. Acreditava no que dizia.

Voltando a Parati: como pode ler tão bem textos bíblicos sem crer nele?

Aí é que está: eu sou ator, eu faço os mais diversos papéis. Eu tenho feito vilões, como fiz o “Coreolano”, de Shakespeare, um vilão total e absoluto, e eu tinha que convencer a platéia de que eu estava vivenciando aquelas ações de Coreolano, exatamente o contrário do que eu pensava. E eu fazia este personagem com o maior amor, dizendo com entusiasmo o texto que por sinal é muito bonito. Mesmo para quem não acredita, são textos maravilhosos. Assim, também eu, em Parati, lendo os textos bíblicos. E de vez em quando eu leio a Bíblia. Leio sempre. Não durmo nunca sem ler.

Paulo, você já teve ocasião de dizer isso a alguém da Igreja?

Não, nunca tive. É a primeira vez. Muito obrigado, muito agradecido.

Sugestões para partilhar em grupo

1. Que impressão causou esta entrevista?
2. Que pontos o grupo considera de maior importância nas palavras de Paulo Autran?
3. Que aspectos podem ser acrescentados à respostas do ator e que não foram muito explicitados no que toca à liturgia?
4. Que perguntas a mais o grupo faria ao entrevistado?

***Fonte: Revista Família Cristã, Ano 2001, Edição n° 791***